

OS SENTIDOS DA ESCRITA DE DIÁRIOS NA VIDA DE DOIS AGRICULTORES

Vania Grim Thies
vaniagrim@yahoo.com.br
Mestre em Educação
PPGE / FaE / UFPel

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar os sentidos da cultura escrita no cotidiano de dois agricultores com pouca escolaridade, moradores da zona rural dos municípios de Pelotas e Morro Redondo (Rio Grande do Sul, BR). A pesquisa consiste em compreender e analisar a escrita ordinária de diários dos irmãos Aldo Schmidt, 60, e Clemer Schmidt, 56. A metodologia utilizada nessa pesquisa é a análise conjunta dos cadernos de registros diários e da história oral, obtida através de entrevistas semi-estruturadas. O trabalho procura trazer contribuições à História da Educação, especialmente à História da Cultura Escrita, tratando as escritas como uma prática cultural fruto da organização de uma sociedade.

Palavras-chave: História da Educação; Cultura Escrita; Diários; Agricultores.

1. Introdução:

O presente estudo é parte integrante da dissertação do Mestrado (PPGE/FaE/UFPel) e das pesquisas realizadas no grupo HISALES¹ tendo o objetivo de analisar os sentidos da cultura escrita no cotidiano de dois agricultores com pouca escolarização, moradores da zona rural dos municípios de Pelotas e Morro Redondo (Rio Grande do Sul, BR). Trata-se de uma investigação que pretende compreender e analisar as práticas da escrita de diários de dois irmãos: Aldo (60 anos) e Clemer Schmidt (56 anos)².

Atualmente, ambos são casados e trabalham em suas propriedades com diferentes culturas – milho, feijão, pêssego, vassoura, laranja, laticínios. Aldo Kohls Schmidt é um pequeno agricultor, morador da zona rural do município de Pelotas (RS), Colônia Santo Antônio, 7º distrito. Possui em torno de 20 hectares de terra para o cultivo de suas lavouras, trabalho realizado com mão de obra familiar. Além

¹ História da Alfabetização, Leitura e dos Livros Escolares (PPGE/FaE/UFPel), sob coordenação da professora Eliane Peres.

² Foi permitida a divulgação dos nomes e demais dados através do termo de autorização.

disso, arrenda³ alguns hectares, em terras vizinhas, para o plantio de suas culturas. É casado e tem dois filhos: o mais velho trabalha com ele na propriedade e o mais novo está prestando o serviço militar. Clemer Kohls Schmidt, também é pequeno agricultor, morador na Colônia Santa Bernardina, tem quatro filhos, sendo dois homens (gêmeos), uma filha e um filho caçula. Clemer possui, para cultivo, 23 hectares de terra que não são suas. Ele apenas mora no local e cultiva, mas a propriedade não é sua, de forma que o sistema de produção é de “parceria”, ou seja, toda a produção é dividida com seu “parceiro”, que recebe 25% do total colhido. O agricultor, que se utiliza do trabalho coletivo da sua família para o cultivo das lavouras, também planta nas terras que pertencem a Hilma, sua esposa. Essas terras, porém, ficam distantes alguns quilômetros do local onde mora.

A metodologia utilizada para o trabalho foi a análise dos diários. A primeira “tarefa” foi a de ler, reler, folhear, olhar os registros na busca de conteúdos comuns entre os dias e os anos de registro. Além disso, foi necessário registrar minhas dúvidas em meu diário de campo.

2. Os diários dos irmãos Schmidt:

Neste estudo, por ser a escrita uma prática iniciada enquanto os doze filhos ainda moravam com o pai, todos da família estão referenciados nas escritas dos diários. No entanto, os autores principais são Aldo Kohls Schmidt (segundo filho) e Clemer Kohls Schmidt (quinto filho).

Para compreender a dinâmica de análise, é necessário compreender também como as escritas foram se constituindo: entre 1972 e 1974, somente Aldo, solteiro e morando na casa paterna, escreve; portanto é um diário de Aldo. Em 1975, além da escrita de Aldo, surge a escrita de Clemer, que começa escrever diários também, de forma que, nos anos 75 e 76, há uma escrita concomitante dos irmãos na casa; cada um, porém, escreve o “seu” diário. Em 1976, Aldo casa, constitui a sua família e continua escrevendo diários com a “nova” família. Clemer, ainda solteiro, continua escrevendo na casa do pai até 1979, quando se casa e pára de escrever.

³ Arrendar é o mesmo que “alugar”. Nesse sistema de arrendamento, o arrendatário “paga” as terras arrendadas com o produto colhido, conforme o acerto realizado.

Os diários, foram coletados em duas etapas da pesquisa: na primeira, foram recuperados, na casa do pai desses dois agricultores, seis diários, escritos entre 1975 e 1988, correspondendo ao período em que dez dos doze irmãos moravam na casa paterna. Foram os primeiros diários aos quais tive acesso, sendo que os primeiros três cadernos eram de autoria de Clemer. Do ano de 1975 até seu casamento em 1979, ele foi o autor desses diários, denominados por ele ora por cadernos, ora por diários. Depois desse período, não fica explícito quem era o responsável, mas a análise das caligrafias e algumas assinaturas indicam que quem continuou as escritas foram os irmãos que permaneceram na casa com o pai. O pai, o senhor Henrique, nunca foi autor das escritas, mas aprovava a idéia para um melhor “controle” do trabalho da família na agricultura, segundo disse na entrevista. Esse período das escritas dos diários na casa paterna corresponde a treze anos: de 1975 a 1988. Para uma melhor compreensão, os diários de Clemer serão denominados como cadernos, por serem assim chamados pelo próprio autor.

Visualizando o material de Clemer, coletado na primeira parte da pesquisa, em maio de 2005, tem-se o seguinte:

- 1º caderno: 27 de janeiro de 1975 a 22 de julho de 1975;
- 2º caderno: 23 de julho de 1975 a 27 de abril de 1978;
- 3º caderno: 28 de abril de 1978 a 22 de outubro de 1980.

É importante que se visualize também os outros três cadernos diários que estavam junto com os registros de Clemer na casa paterna e que foram escritos após sua saída.

- 4º caderno: 23 de outubro de 1980 a 31 de dezembro de 1983;
- 5º caderno: 1 de janeiro de 1984 a 10 de setembro de 1986;
- 6º caderno: 11 de setembro de 1986 a 14 de janeiro de 1988.

A análise dos diários desde 1980 até 1988 nos indica que os irmãos de Clemer que permaneceram na casa do pai continuaram os registros diários.

Na segunda etapa da pesquisa, em fevereiro de 2007, foram coletados os diários escritos apenas por Aldo Schmidt, correspondendo a um período expressivo de escritas, de 1972 até 2004. Aldo, o segundo filho de uma família de doze irmãos,

iniciou a escrita de diários no ano de 1972, aos 25 anos, quando morava com seu pai e irmãos na Colônia Santa Áurea, também município de Pelotas. A escrita é feita em cadernos denominados pelo próprio autor como “diário” e sucessivamente numerados. Registra-se que o autor, desde 1972, não deixa de escrever sequer um dia de sua vida. Os diários são os seguintes:

- Diário nº 1: 5 de julho de 1972 a 17 de fevereiro de 1976;
- Diário nº 2: 18 de fevereiro de 1976 a 16 de junho de 1979;
- Diário nº 3: 17 de junho de 1979 a 31 de dezembro de 1984;
- Diário nº 4: 1º de janeiro de 1985 a 31 de dezembro de 1987;
- Diário nº 5: 1º de janeiro de 1988 a 11 de março de 1991;
- Diário nº 6: 12 de março de 1991 a 31 de dezembro de 1994;
- Diário nº 7: 1º de março de 1995 a 10 de julho de 1997;
- Diário nº 8: 11 de julho de 1997 a 17 de fevereiro de 2000;
- Diário nº 9: 18 de fevereiro de 2000 a 27 de agosto de 2002;
- Diário nº 10: 28 de agosto de 2002 a 31 de dezembro de 2004⁴.

Ao observar os diários, percebe-se a quantidade e a variedade de registros, principalmente no caso de Aldo, indicando que a escrita dos irmãos é uma prática da “produção de si”. Segundo Gomes (2004), a “produção de si” pode abranger um grande conjunto de ações que transformam o espaço da casa com a intenção de resultar em coleções como fotografias, cartões, objetos do cotidiano. No caso dos dois agricultores, o “conjunto de ações” envolve a prática da escrita dos diários para registrar o cotidiano, deixando a vida por escrito.

3. Problematicando temáticas nas escritas dos agricultores

Depois de visualizar a contextualização da escrita dos diários, é necessário dizer que as escritas dos irmãos são parecidas na forma e no conteúdo, mas apresentam para cada um sentido diferente. Isso fica evidenciado na continuidade

⁴ Há mais um diário em uso, Diário 11, no qual as escritas atuais estão sendo feitas, compreende o período de 1º de janeiro de 2005 até a atualidade.

da prática por Aldo e no cessar da atividade de escrever em função do casamento de Clemer.

Há questões importantes de serem consideradas tanto nos diários de Aldo como no diários de Clemer. São os elementos constitutivos dessas escritas, ou seja, o que aparece como tema nos registros. A organização do mundo rural e privado, através do caderno e da escrita diária sistemática, me possibilitou o encontro de categorias comuns entre as escritas dos dois irmãos: o tempo/ clima, o lazer, o trabalho e a participação na vida comunitária e social. As categorias mostram os irmãos agricultores e os seus ritmos diversos em diferentes espaços como a casa, a comunidade, a lavoura, entre outros, indicando que a vida das pessoas não é um processo linear, mas progressivo e contínuo.

TRABALHO

Discutir a categoria do trabalho é de fundamental importância, pois é do trabalho da lavoura que tanto Aldo quanto Clemer retiram o sustento de suas famílias, utilizando o corpo como seus instrumentos de trabalho.

A dinâmica da pequena propriedade utilizando o trabalho coletivo, como é o caso dos irmãos, favorece a administração familiar, conforme observamos nos diários. A terra é a fonte de renda, embora, muitas vezes, não corresponda às expectativas dos agricultores, pois o produto está condicionado ao sistema capitalista de produção. Muitas vezes, a visão romântica do campo como o lugar do sossego e da beleza das paisagens acaba por ocultar determinados processos vividos pelos agricultores ou, como diz BAGLI (2006, p.84), “isso não significa dizer que, nos espaços rurais, não há a determinação de um tempo ditado pela lógica capitalista”.

Dessa maneira, o homem precisa, então, criar condições para a sua existência, o que irá caracterizar cada vez mais, conforme o autor, a subordinação de sua vontade. Essa lógica “invade” também, e cada vez mais, a zona rural: produzir mais e em maior escala. Dessa maneira, o pequeno agricultor, sua coletividade e seus instrumentos rudimentares resistem a esse sistema de produção que os quer eliminar. O sistema capitalista de produção “exige” uma produção maior

e mais rápida, dificultando os que persistem na produção “artesanal”, como é o caso dos irmãos Schmidt, que praticam a agricultura familiar.

Segundo DEMARTINI e LANG (1985, p.14), “tratando-se da divisão social do trabalho, há que se considerar também a persistência, em nossa sociedade, do sexo como critério ainda atuante nas atribuições de posições sociais no trabalho”. Nos diários, mesmo que as irmãs de Aldo e Clemer, denominadas como “gurias”, também tenham a profissão de agricultoras, seus trabalhos são diferentes dos irmãos. Nota-se, no registro, que o trabalho de lavrar a terra é sempre realizado pelos homens, enquanto capinar, plantar, colher é, na maioria das vezes, realizado pelas irmãs. Conforme se pode observar nos trechos a seguir, há uma separação entre o trabalho das “gurias” e dos homens nas tarefas, reflexo também de uma família numerosa, principalmente, enquanto os doze filhos moravam na casa paterna:

22 de setembro Segunda O Cleber lavrou gradeou de tarde, **as gurias**⁵ capinaram cebola, o Aldo e o Clemer iniciaram a sentar tijolos na casa de manhã o Cledinei ajudou na casa. (Clemer Schmidt, Caderno nº 2, setembro, 1975).

20 de novembro. Sábado tempo bom plantaram soja todo o dia a **Serlene e a Clenair** aterraram o milho. (Clemer Schmidt, Caderno nº 2, novembro, 1976).

Dia 7 domingo de manhã **as gurias** foram no culto de tarde eu e o Clemer na mesma e os outros no Stª Helena. (Aldo Schmidt, Diário nº 1, outubro, 1973).

Segundo o estudo realizado por SCHWARTZ (2004), a maioria das mulheres prefere o trabalho na lavoura, porque ele “aparece mais”, pois, ao capinar uma lavoura, todos vêem o serviço realizado, enquanto o trabalho doméstico não é observado.

O trabalho é tão significativo na vida dos dois agricultores que junto a ele estão presentes os “vários tempos” da vida na zona rural e o clima, fator que influencia diretamente no trabalho da lavoura. Sendo o tempo e o clima fatores de relevância na vida e para a vida desses agricultores, torna-se necessária uma discussão mais detalhada sobre esses dois temas, assunto abordado a seguir.

⁵ Grifos meus.

TEMPO

O tempo na vida rural é diferente do tempo na vida urbana. Na zona rural, levantar cedo, tratar os animais, tirar o leite que irá para a mesa do café, comer alimentos produzidos na propriedade, trabalhar em contato com a terra, seguir os horários do sol, são hábitos comuns. A zona rural segue mais a lógica da natureza, enquanto , nos espaços urbanos, devido às condições específicas do trabalho, segue-se uma lógica artificial mais atrelada ao “tempo do relógio”. O tempo rural é mais “lento”, as transformações da sociedade não deixam de acontecer, apenas são sentidas em menor escala (BAGLI, 2006). Não significa, com isso, reduzir a zona rural a uma visão simplista ou romântica. Segundo DA MATTA (1991, p.38-39), *“as atividades que demarcam o tempo, ou ajudam a construí-lo promovendo uma base para a noção de duração diferenciada e de passagem, são as atividades que ocorrem sempre em espaços distintos uns em relação aos outros”*. Isso indica que não se pode falar de tempo sem falar também de espaço. Por isso, os diários trazem o tempo como o transcorrer do dia, situado em um ambiente específico: a zona rural. Esse é o contexto no qual o tempo é construído por Aldo e também por Clemer.

O tempo, nos diários, é a divisão do dia e das horas em manhã, tarde e noite, divisão da semana entre dias de trabalho (segunda-feira a sexta-feira) e dias de lazer (sábados e domingos) e/ou compromissos religiosos e comunitários e é, também, o clima. Buscando o significado de tempo no dicionário, encontramos “Medida da duração dos fenômenos. Período; época. Estado atmosférico. Momento ou ocasião própria” (LUFT, 2000). No entanto, tempo é uma invenção social. Segundo Elias (*apud* MARTIS, 2000, s/p):

O que chamamos tempo é, em primeiro lugar, um marco de referência que serve aos membros de um certo grupo e em última instância, a toda humanidade, para instituir ritos reconhecíveis dentro de uma série contínua de transformações do respectivo grupo de referência ou também, de comparar uma certa fase de um fluxo de acontecimentos.

Desta maneira, o tempo é o fator que orienta o homem e, conseqüentemente, suas relações sociais. Os relógios são exemplos do que tem sido responsável pela demarcação do tempo em nossa sociedade. A partir dessas considerações, percebe-se a existência de “vários tempos” como uma criação humana.

Os diários eram uma das formas de organizar o cotidiano do trabalho, o que, através da observação do clima e das suas relações com o tempo de divisão do dia, acabam por ordenar a própria vida desses agricultores. O tempo, nas escritas, significa o transcorrer do dia dividido em períodos: a manhã, a tarde, a noite, o dia, ou, ainda, as horas e os minutos:

Dia 25 amanheceu chovendo depois da 8h fomos fazer uma picada para passar para chácara do Amiltom de tarde fomos tirar galhos para fora, depois das 4h choveu a noite fui no Lindolfo levar as quitandas e comprei uma foice. (Aldo Schmidt, Diário nº 3, agosto, 1979).

1º Quinta De manhã cortaram soja até ao meio dia terminado com toda a safra da soja de tarde até as 3 carregaram com 2 carreta 5 carga depois trilham até a noite – 27 sacos. (Clemer Schmidt, Caderno nº 1, maio, 1975).

Neste sentido, conforme o espaço no qual trabalham, aparece também a medição do tempo – de manhã, de tarde, de noite – como uma medida rotineira de trabalho. Essas “divisões” se aproximam muito do clima, o qual é referido nas escritas como as mudanças climáticas: a chuva, o sol, o dia nublado, o frio, o calor, o “geadão”. Porém, nos registros, as duas categorias ficam denominadas por uma única terminologia, no caso, o tempo: “tempo bom, de manhã choveu”. É comum denominar o clima como sendo o tempo e vice-versa, pois são categorias muito próximas. De acordo com LUFT (2000), clima é o “conjunto dos fenômenos meteorológicos (temperatura, pressão, ventos, etc.) que caracterizam o estado médio da atmosfera em determinada área geográfica”.

Segundo BRANDÃO (1989, p.16), “o tempo é de difícil separação já que não sabemos viver a não ser dividindo o tempo dado ao trabalho produtivo com outros tempos divididos por sua vez entre o rito e o jogo, eis que a todo o momento e por toda a parte misturamos uma coisa com a outra”. E isso está presente nas escritas dos diários: a “mistura” de fatos como o jogo, a festa, o trabalho, entre outros.

Nos diários, os dias da semana dividem o tempo e, assim, as atividades são diversas, mas há diferenças entre os dias de trabalho e os dias de lazer. Nos finais de semana, há uma “quebra” na rotina de trabalho: sábado e domingo são dias que dedicam ao lazer, categoria analisada no próximo item.

LAZER

Se há o “tempo de semear e o tempo de colher”, há, também, o tempo de descansar. Nos diários esse tempo é expresso pelo lazer, constante na vida cotidiana do meio rural e intensa também nos diário de Aldo e de Clemer. Mas o que é o lazer da/na zona rural? O lazer na zona rural está associado ao descanso do trabalho na lavoura. Isso se faz por meio de idas ao futebol, bailes, danças, festas, visitas aos parentes, visto que, para quem trabalha na agricultura, não há período de férias, como há para outras profissões. Há apenas “períodos” de mais ou menos trabalho. O lazer é, nos diários, expresso por um outro tipo de escrita. Geralmente não faz referência ao trabalho, ao menos que o período exija, como é o caso da safra de pêssego.

Para MAGNANI (1984, p.11), “o lazer é parte integrante da vida cotidiana das pessoas e constitui, sem dúvida, o lado mais agradável e descontraído de sua rotina semanal”. Nos diários de Aldo e Clemer, os momentos de lazer são sempre aos sábados e domingos, dias em que os trabalhos da roça ganham uma pausa e intensificam-se as saídas.

Na zona rural, o lazer aos domingos também fica demarcado por visitas entre os vizinhos e amigos, idas a bailes e a partidas de futebol, como pode ser observado nos registros abaixo:

Dia 22 domingo de manhã biscateamos de tarde ficamos em casa e a D. Dora e a Aldair tiveram aqui nos visitando. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, janeiro de 1978).

Dia 16 domingo Eu e o Clemer na mesma de sempre o Cleber com o Stª Helena e os outros na dança no Edmundo Bosembecker. (Diário nº 1, Aldo Schmidt, novembro 1973).

Para entender o contexto rural de lazer que aparece nos diários, é necessário compreender que nas colônias da zona rural de Pelotas há salões de baile que levam o nome do proprietário, como o salão de baile do Sr. Edmundo Bosembecker e do Sr. Vidal Batista. Ainda há os times de futebol que levam o nome das localidades onde ficam situados os campos/estádios, como é o caso dos times “Vila Nova”, “Bachini”, “Santa Helena”, entre outros.

São comuns, também, as festas organizadas pelas comunidades religiosas com café colonial e danças, as quermesses, os jogos de futebol amador, os bailes

para a celebração de alguma data especial. Isso caracteriza uma cultura própria de determinada localidade. Conforme BAHIA (2000, p.16), “expressões da língua, festas comunitais, ritos de passagens, superstições e outros elementos da cultura camponesa marcam especificamente seu *ethos*, isto é, um estilo de vida próprio diante do mundo que lhes atribui um sentido identitário”.

Além disso, são comuns festas organizadas por igrejas que seguem o calendário da colheita, como a festa da cebola e a da uva, etc. Isso demonstra uma relação entre o calendário agrícola e o das festas como um valor daquilo que é próprio da terra.

O lazer também significa “sair de casa”. Conforme BRANDÃO (1989, p.17), “não há dúvida de que a casa é o local da rotina, da família e de uma estabilidade de relações que em quase tudo sugere o contrário daquilo que a rua, seus tempos, festas e sujeitos pretendem ser”. É por isso que o lazer é expresso nos registros diários de uma maneira diferenciada – nos sábados e domingos –, contando o que foi feito fora do ambiente da casa, mesmo que tenha havido trabalho, como no caso das festas da igreja.

O “ir à igreja”, ao culto, como aparecem nas escritas, é diferente do que ir à festa da igreja, pois essa se caracteriza como lazer. Já ir ao culto é um outro contexto, um acontecimento social formal, conforme será analisado no próximo item, juntamente com outros acontecimentos da/na sociedade.

ACONTECIMENTOS SOCIAIS E COMUNITÁRIOS

Essa categoria abrange os registros dos diários no que tange aos eventos sociais da vida da família como, por exemplo, casamentos, enterros, vida religiosa e outros aspectos da vida social da família de Aldo e Clemer. Ainda podem ser agrupados aqui outros acontecimentos da vida pública e comunitária dos agricultores, como as eleições (municipais, nacionais), a participação em algum trabalho comunitário na capela ou até mesmo na manutenção de estradas da região, conforme se percebe nos diários:

14 de outubro sábado tempo de manhã choveu e de tarde com pancadas a turma não fez nada de tarde o Clemer, o Cledinei a Serlene e a Serli foram no churrasco da inauguração da estrada da baichada e o Cleber e o

Clenderci foram no moinho de caminhão ainda de tarde a Hilma veio por aqui. (Clemer Schmidt, Caderno nº 3, outubro, 1978).

São fatos que conferem um sentimento de pertencimento, de proximidade dos irmãos à comunidade na qual estão inseridos. Além disso, ao mesmo tempo em que participam da inauguração, fortalecem sua cidadania, pois a estrada foi uma reivindicação dos moradores da localidade.

Outro exemplo de um acontecimento relevante para os irmãos Schmidt é o trabalho na comunidade religiosa da qual participavam:

Dia 8 domingo de manhã fui no Lindolfo e de lá fui até o Enildo fazer o recenseamento para a Igreja de tarde ficamos em casa a mãe teve aqui nos visitando. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, outubro, 1978).

Aldo desempenha várias atividades na comunidade, entre elas, recensear as pessoas de sua igreja e participar da mesa eleitoral. Fatos colocados lado a lado nas suas escritas, como o recenseamento, o trabalho, a visita, mais uma vez confirmam os sentidos de seus registros: produzir a identidade, registrar a vida. Segundo DA MATTA (1991, p.72), “ser cidadão, e ser indivíduo, é algo que se aprende, e é algo demarcado por expectativas de comportamentos singulares”. Para o caso de Clemer e Aldo, isso é visível já que registram os acontecimentos sociais e comunitários.

Ser cidadão não basta; é preciso, também, exercer a cidadania. Conforme é expresso nos diários, a eleição, processo de escolha, é muito importante para Aldo e Clemer:

Dia 15: eu todo dia participei da mesa Eleitoral na 71 cessão e a Nair foi votar e fez pão de tarde ceifou o azevém e capinou vassoura. (Aldo Schmidt, Diário nº 2, novembro de 1978).

15 de novembro quarta tempo bom de manhã entre 6 plantaram soja terminando o campo o pai a mãe a Cleci e a Clenair foram votar o Cleber levou eles com o caminhão de tarde o Cleber o Clenderci e o Cledinei e o Clemer foram votar. (Clemer Schmidt, 3º Caderno, 1978).

Votar e participar da mesa eleitoral tem uma “importância” ao lado do fazer o pão, ceifar, plantar, capinar... Trata-se dos trabalhos realizados, mas votar é o momento de participação democrática na vida social. Essa é a “marca” de um pertencimento maior, o pertencimento a uma nação. Conforme as palavras de DA MATTA (1991, p.73), “realmente, como cidadão eu pertenço a um espaço

eminentemente público e defino o meu ser em termos de um conjunto de direitos e deveres para com uma outra entidade também universal, chamada nação”.

“Fazer o pão” é um registro muito recorrente na escrita de Aldo. Pão, alimento da vida, procedente do trigo que nasce da terra, terra que fortalece a identidade de ser agricultor, agricultor que participa das decisões e escolhas, que exerce sua cidadania. Terra e pão são dois elementos simbólicos para Aldo como forma de fortalecer sua identidade. Fazer o pão e votar são elementos diferentes que fazem refletir como o “cidadão Aldo” e o “cidadão Clemer” percebem-se no contexto em que vivem.

No caso de enterros, Aldo e Clemer “sinalizam” seus registros com o desenho de cruz na margem como uma estratégia de lembrança. Clemer relata na entrevista:

É pra te basear depois, aquele sinalzinho é uma cruz porque o problema daquilo ali, do enterro que tinha, se tu queria olhar aquilo, folhar o caderno, tu nem sabia quando. Ah! Foi o ano passado, mas em que mês foi? Aí tu não te lembra daquilo, aí tu abre o caderno, tu sabe e logo em seguida tu já acha a cruzinha. (Clemer Schmidt, entrevista, 13/11/2006).

Portanto, a cruz na margem, para os irmãos Schmidt, pode significar a “marca” para encontrar com facilidade o dia e o mês do acontecido. Porém, é mais do que isso: uma marca de tempo que servirá para lembrar da pessoa falecida, sempre que recorrerem ao sinal da margem.

Por isso a riqueza da cultura escrita, não só por palavras, mas por sinais, desenhos e demais marcas que demonstram sua variedade. Assim como o fazer pão e votar, o jogo da Copa do Mundo e o sinal da cruz também são estratégias utilizadas para dar sentido às escritas dos agricultores.

4. CONCLUSÃO

O resgate de escritas como as que foram trazidas para este estudo revela o entendimento das práticas culturais no campo da cultura escrita, impedindo, dessa maneira, que materiais valiosos acabem em cinzas ou no esquecimento. O que antes passava despercebido, devido à valorização do escrito e à sua vinculação com o poder, agora é fonte riquíssima de informação. Essa grande variedade de temas encontrada nos diários desses agricultores nos mostra que, para o entendimento da

história da cultura escrita, não se podem negar a liberdade e amplitude das fontes nos estudos de práticas culturais.

O estudo também pretende ressignificar o contexto escolar e suas práticas de escrita. Conforme VÓVIO (1995) e SOUZA (1995), “o que se quer é deixar de lado estereótipos sociais nos quais são enquadrados sujeitos e que, na maior parte das vezes, não permitem reconhecer ou identificar possibilidades individuais trilhadas em um campo social compartilhado”. Os irmãos Aldo e Clemer construíram/reconstruíram sentidos diferentes para suas escritas; embora sejam parecidas na forma e no conteúdo, apresentam, para cada um, sentido diferente. Para Clemer, o diário é um “exemplo” de escrita do irmão Aldo, o registro de um período de sua vida (1975 a 1979). Já para Aldo é uma forma de existir no cotidiano, deixando as marcas do passado para trazê-lo no presente, como se Aldo “preparasse a terra tecendo os fios de sua existência”.

O registro do tempo, das atividades de lazer, do controle do trabalho e de acontecimentos sociais e comunitários demonstra uma forma organizada e consciente de registro, uma maneira intencional de deixar os traços do vivido, nos mais diferentes aspectos. Através desses registros, percebe-se a intenção de produzir e, também, de fortalecer as suas identidades. Uma forma de perceberem-se como sujeitos diferentes, em diferentes lugares e em diferentes tempos e temporalidades.

Ainda que apresente algumas limitações, ressalta-se, por fim, a importância desta pesquisa à História da Educação, especificamente à História da Cultura Escrita, uma vez que tratou as escritas desses dois agricultores como uma prática cultural fruto da organização de uma sociedade. Através dessa prática cultural, Aldo e Clemer constroem uma identidade para si em um contexto singular: a zona rural.

Referências bibliográficas

BAGLI, Priscila. Rural e urbano: harmonia e conflito na cadência da contradição. In: SPOSITO, M.; BELTRÃO, Encarnação; WHITACKER, Arthur (orgs). *Cidade e Campo: relações e contradições entre urbano e rural*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

BAHIA, Joana D' Arc do Valle. *O "tiro da bruxa": identidade, magia e religião entre os camponeses pomeranos no estado do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: UFRJ/MN/PPGAS, 2000. Tese de Doutorado.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A cultura na rua*. Campinas, SP: Papirus, 1989.

DA MATTA, Roberto. *A casa & a rua*. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro. RJ: Guanabara Koogan. 1991.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri e LANG, Alice Beatriz da Silva. *Educando para o trabalho: família e escola como agências educadoras*. São Paulo: Loyola, 1985.

GOMES, Angela de Castro. *Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo*. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2004.

LUFT, Celso Pedro. *Minidiconário Luft*. São Paulo: Ática, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. *Festa no Pedaco: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MARTINS, Mônica Mastrantonio. A Questão do tempo para Norbert Elias: reflexões atuais sobre tempo, subjetividade e interdisciplinaridade. *Revista de Psicologia Social e Institucional*, Universidade Estadual de Londrina. v.2, n.1, Jun/ 2000. Disponível por: <http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n14.htm>. Acesso em: 29 dez. 2007.

SCHWARTZ, Eda. A singularidade do viver das famílias do extremo sul do Brasil. In: ELSEN, Ingrid; MARCON, Sonia Silva; SILVA, Mara Regina Santos da. *O viver em família e sua interface com a saúde e a doença*. Maringá: Eduem, 2004.

VÓVIO, Cláudia Lemos e SOUZA, Ana Lúcia Silva. *Desafios metodológicos em pesquisas sobre letramento*. In: KLEIMAN, Ângela e MATENCIO, Maria de Lourdes M. *Letramento e Formação do Professor*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2005.